

A compreensão do género pelas crianças pequenas

BARBARA LLOYD (*)

Os estudos a que tenho vindo a proceder da compreensão do género por crianças muito pequenas têm a sua origem em interrogações acerca das diferenças de género no comportamento infantil, que eu e os meus alunos investigámos há alguns anos (Archer & Lloyd, 1974; Linger, 1976; Smith & Lloyd, 1978).

A fim de destrinçar os efeitos, no comportamento da mãe, do sexo biológico do seu próprio bebé, escolhemos quatro bebés de seis meses para um estudo baseado na observação do jogo mãe-criança. Os quatro bebés — duas raparigas e dois rapazes — foram apresentados a oito mães diferentes; em metade do tempo, envergavam vestidos com folhos cor-de-rosa e eram tratados por «Jane»; na outra metade, vestiam fatinhos azuis e eram tratados por «John». Cada mulher (também ela mãe de um primogénito com idade entre 4 e 8 meses) empregava «Jane» ou «John» durante dez minutos.

O comportamento das mães foi influenciado por estereótipos acerca da conduta relativa ao género. O primeiro brinquedo oferecido quando o bebé aparecia como ra-

paz foi geralmente uma roca em forma de martelo, enquanto a escolha recaía numa delicada boneca cor-de-rosa quando o bebé aparecia como rapariga. Os rapazes eram verbalmente estimulados no sentido de uma acção vigorosa, ao passo que as raparigas eram elogiadas pela habilidade e pelos seus atractivos. Altamente intrigante foi a tendência destas mães para, na presença de crianças cujo comportamento classificámos de «reação eminentemente motora», responderem com um comportamento ainda mais eminentemente motor e solicitando mais a musculatura quando o bebé aparecia como rapaz, e optarem por uma actividade mais calma quando o bebé era vestido e apresentado como rapariga. Apesar de termos observado os quantitativos totais da actividade eminentemente motora dos nossos quatro «actores» bebés, com apenas dois rapazes e duas raparigas, era-nos impossível detectar qualquer índice estatisticamente fiável das diferenças relativas ao sexo no comportamento motor destas crianças de seis meses.

No âmbito do seu trabalho de doutoramento, Caroline Smith observou a actividade de um grupo de crianças de 13 meses (Smith, 1980). A escolha de brinquedos mostrava um pequeno desvio sistemático se-

(*) School of Social Sciences da Universidade de Sussex. Trabalho apresentado no British Association Annual Meeting, Salford, 1980.

gundo o género, mas as raparigas e os rapazes serviam-se dos brinquedos de modos diferentes. Os rapazes empenhavam-se mais numa actividade eminentemente motora, empurrando, puxando e batendo com os objectos, enquanto as raparigas davam respostas motoras mais delicadas, juntando objectos ou colocando brinquedos em determinados sítios.

A presunção de que a atitude das mães durante o primeiro ano — diferenciada de acordo com o sexo da criança — podia influenciar a actividade no segundo ano, levou Caroline Smith a empreender um estudo de primogénitos no qual observou o modo de brincar das mães com os «actores» bebés, o comportamento em casa com os seus próprios bebés, e o comportamento no jogo das crianças no nosso ambiente de laboratório aos treze meses. Por volta do segundo ano, o comportamento de brincar reflecte a visão da nossa sociedade acerca das diferenças de género. Estas crianças conhecem o género no sentido em que o seu comportamento no jogo reflecte a visão socialmente partilhada acerca da diferenciação do género.

O género é uma das distinções mais fundamentais que nós, adultos, fazemos no nosso mundo social (Parsons, 1942). Todos nós, ao primeiro contacto com um estranho, classificamos mentalmente esse indivíduo como homem ou como mulher. Porque se trata de uma distinção fundamental em todas as sociedades humanas, é importante verificar até que ponto ela é socialmente determinada ou biologicamente conferida. Na medida em que usamos critérios socialmente aceites — como o vestir, a postura, o cabelo e a voz, cujo conteúdo específico varia de uma sociedade para outra sem que tal se possa explicar pelo exame dos genes ou pela genética — podemos dizer que o género é uma categoria social. Embora o género seja normalmente relacionado com o sexo biológico, é necessário que deixe de o ser (Money & Ehrhardt, 1972).

As questões que tenho vindo a investigar estão relacionadas com a capacidade da criança pequena para fazer inferências acerca do seu próprio género e do dos outros. Pelos 13 meses, o comportamento de jogo das crianças reflecte os modos de ver da nossa sociedade acerca do género e, dentro de certos limites, podemos dizer que as crianças sabem algo sobre o seu próprio género. Cerca dos três anos de idade, as crianças mostram uma compreensão simbólica do género ao serem capazes de aplicar, com propriedade, nomes e pronomes específicos do género, no quadro da consciência verbal do seu próprio género e da sua aptidão para classificar os objectos nas devidas categorias de género (Thompson, 1975). Os jogos destas crianças registam também uma mudança importante, e os jogos de simulação na idade de 5 anos reflectem uma compreensão dos papéis que os adultos desempenham, consoante o género, em jogos relacionados com a família e as situações de trabalho (Grief, 1974).

Empreendemos um conjunto de estudos no sentido de colher elementos acerca do desenvolvimento da compreensão e observar as transformações nos jogos das crianças que lhes permitem representar, no plano da fantasia, papéis de adulto diferenciados consoante o género, na altura em que entram para a escola. Observámos crianças com idades entre 18 e 42 meses, e com três anos e meio. Embora tenhamos realizado um grande número de gravações em *video* do comportamento de jogo, as conclusões que tenho vindo a relatar referem-se sobretudo a mudanças nas capacidades intelectuais. Esperamos vir a relacioná-las com as mudanças nos padrões de jogo.

Apesar de o desenvolvimento da compreensão do género ter constituído o principal objectivo destes estudos, também foram recolhidos elementos sobre o comportamento noutros domínios. Observámos a capacidade das crianças para identificarem fotografias através do reconhecimento de

nomes e pronomes definidos quanto ao género; testámos também a capacidade para reconhecerem outros objectos constantes de um teste de vocabulário com gravuras (Escala de Inteligência Stanford Binet, 1961). Do mesmo modo, ao tratarmos a capacidade para produzir nomes e pronomes consoante o género, descobrimos também outros nomes. Ao medirmos a capacidade para classificar fotografias de crianças e adultos em categorias segundo o género, observámos a classificação de figuras azuis e vermelhas com formas diferentes, e de fotografias de gatos e cães.

Considerámos as crianças, cujas idades variavam num intervalo de 2 anos entre os 18 e os 42 meses, em quatro blocos de seis meses — aproximadamente dos 18-24 meses, 25-30 meses, 31-36 meses e 37-42 meses. As tarefas podem também ser devidamente divididas entre as que implicam reconhecimento, as relacionadas com etiquetagem ou produção e as que requerem selecção ou classificação. Os nomes consoante o género usados quer no reconhecimento, quer na produção, foram PAPÁ, MAMÁ, SENHORA, HOMEM, MENINA e MENINO. Os pronomes foram ELA, ELE, HER, HIM. Os outros nomes empregues na maior parte do estudo sobre o reconhecimento foram CAMIONETA, FLOR, GATO, CESTO, ESCOVA, TESOURA, CHALEIRA, SAPATO. Para testar a produção foram usados AVIÃO, FOLHA, CAVALO, CHAPÉU DE CHUVA, CASACO, BRAÇO, JARRO e CHAPÉU.

As crianças foram agrupadas, para o estudo principal, em pares acostumados a brincar juntos. Em cada um dos quatro grupos de idades encontrámos cinco pares de meninas, cinco pares de rapazes e cinco pares mistos. Cada par veio para a Universidade com as mães respectivas e foi individualmente testado em tarefas de reconhecimento, produção e selecção; foram filmados enquanto brincavam com as mães na nossa sequência de brinquedos com três fases.

Esta compunha-se de 4 minutos a brincar com um serviço de chá, 4 minutos com uma garagem e carros, e 6 minutos num quarto que continha brinquedos estereotipados quanto ao género. Os masculinos eram duas bombas de incêndio, dois capacetes de bombeiro, duas armas, três veículos de obras, dois conjuntos de pregos com martelo e duas pastas. Os objectos femininos eram dois ferros e duas tábuas de engomar, dois fogões e quatro caçarolas, duas bonecas num berço, duas malas (contendo, cada uma, um espelho, escova e pente) e dois chapéus de senhora de aba larga. Estes brinquedos ofereciam possibilidades para o jogo com papéis diferenciados quanto ao género, tal como os tipos de acção que observáramos nas crianças com 13 meses de idade.

Para a avaliação individual do conhecimento do género no estudo principal, testámos 8 raparigas e 8 rapazes em cada um dos quatro grupos de idades em versões iniciais das tarefas de reconhecimento, produção e selecção. É útil examinar os nossos procedimentos antes de considerarmos os resultados dos dois estudos. Usámos uma máquina fotográfica *polaroid* para produzir a maior parte do material visual. Isto permitiu-nos tirar fotografias a todas as crianças e usá-las imediatamente no reconhecimento de nomes, nas tarefas de produção e na selecção. Medimos, assim, o conhecimento do género do próprio e dos outros. Recorrendo a um álbum fotográfico comum, tirámos-lhe as fotografias e usámo-las na selecção. Pusemos retratos de homens e mulheres adultos à consideração de estudantes da Universidade no que respeita à masculinidade e à feminilidade, para termos a certeza de estarmos a usar protótipos de cada género (Rosch, 1978).

Rapidamente descobrimos, no decorrer dos estudos, que as crianças destas idades não estavam preparadas para ver duas vezes o nosso álbum, de modo que os testes de reconhecimento e de produção foram combinados. Eram apresentadas duas fotogra-

fias por página, e começava-se por perguntar à criança «Diz qual é o HOMEM ou o GATO» ou «Qual é que é ELA?». Quer a criança respondesse correctamente, quer não, a questão seguinte remetia para a outra fotografia e perguntava-se à criança «Quem» ou «O que é isto?», esperando-se a resposta SENHORA, CAVALO ou ELE, conforme o caso. No primeiro estudo utilizámos duas formas para a selecção. Numa dava-se simplesmente à criança os objectos — quadrados vermelhos ou azuis, retratos de gatos e cães e fotografias de homens e mulheres, rapazes e raparigas — e pedia-se-lhes que os agrupassem em dois montes. No outro procedimento usámos caixas em forma de casa, em cujas portas as gravuras podiam ser fixadas. No estudo principal, as crianças também escolhiam fotografias de entre 14 *items* da sequência de jogos consoante o género.

As tarefas mostraram determinados resultados esperados. As comparações no conjunto das idades foram sempre muito significativas, indicando que as mudanças nas capacidades medidas têm lugar, em todos os casos, no período dos 2 anos. O comportamento das crianças com 18 a 24 meses diferia do dos outros grupos, sucedendo o mesmo com o comportamento das crianças dos 25 aos 30 meses em relação aos restantes dois grupos de idades. Os nomes eram mais prontamente identificados que os pronomes; a realização em todos os testes de reconhecimento era melhor do que nos de produção; e a selecção de cores e animais era mais fácil do que o classificar gente consoante o género.

Tendo em conta estes aspectos mais gerais, podemos agora considerar as tarefas concretas e examinar os níveis de realização em cada grupo etário. Estes variam consideravelmente de tarefa para tarefa. Enquanto nenhuma das crianças dos 18 aos 24 meses conseguiu classificar os retratos de homens e mulheres ou de rapazes e raparigas, mais de 70% reconheceram correcta-

mente fotografias quando se usava nomes de adultos. Entre os 37 e os 42 meses, o reconhecimento dos nomes com género definido era virtualmente perfeita, embora os catorze brinquedos apenas em 50% dos casos fossem correctamente atribuídos ao respectivo género.

RECONHECIMENTO

No que toca aos dados do reconhecimento, são possíveis diversas comparações. Já assinalámos que o reconhecimento de nomes com género definido suplanta o dos pronomes em todas as idades. Mais surpreendente foi constatar-se que a realização do auto-reconhecimento é idêntica à dos pronomes. Isto foi testado usando a fotografia da própria criança e pedindo, primeiro, à criança para indicar, no par, a criança do género oposto — p. ex., «diz qual é o MENINO». Após a questão complementar de produção, num segundo par de fotografias, pedia-se à criança para apontar a criança do seu próprio género — neste exemplo, a MENINA.

O grupo mais jovem, no estudo principal, atingiu 60% no reconhecimento de nomes, 15% no reconhecimento de pronomes e apenas 13% no auto-reconhecimento. No grupo de 25 a 30 meses, o reconhecimento de nomes foi correcto em 80%, o de pronomes em 46% e o auto-reconhecimento em 50%. Os intervalos de variação começam a estreitar no terceiro grupo de idades, no qual as fotografias são correctamente identificadas com substantivos em 94% das vezes, com pronomes em 73% dos casos e as fotografias dos próprios em 77% das vezes. Cerca dos 37 meses, as diferenças são desprezáveis — 99%, 91% e 93%.

É-se tentado a sugerir que as crianças se distraem com as suas próprias fotografias e que isto reduz a realização apesar de lhes termos prometido que ficavam com elas.

Obtivemos mais elementos respeitantes às diferenças de níveis de realização comparando os resultados relativos aos nomes de adultos com género definido — MAMÃ, PAPÁ, SENHORA, HOMEM — com os verificados com MENINO e MENINA. O quadro é, infelizmente, ensombrado por pequenas diferenças entre os resultados do estudo preliminar e os do estudo principal. Após termos considerado várias hipóteses, concluímos que elas podem reflectir diferenças específicas entre os dois conjuntos de crianças. Embora fossem do mesmo escalão de idades, as crianças do estudo principal foram agrupadas em pares de amigos para o estudo do jogo, e os testes individuais foram feitos mesmo quando as crianças não estavam muito predispostas. O estudo preliminar foi realizado em grupos de brincadeira, infantários e nas próprias casas das crianças, e as menos predispostas podiam ser dispensadas se necessário.

A comparação do sucesso entre os nomes de adultos e os nomes de crianças não revelou significância estatística no estudo preliminar, mas, quando os nomes dos pais foram excluídos, a comparação entre HOMEM, MULHER e MENINO, MENINA revelou uma superioridade nos dois nomes de adultos. No estudo principal, só as crianças dos dois grupos mais jovens mostraram uma realização mais pobre com MENINO, MENINA. Estes só eram correctamente identificados pelas de 18 a 24 meses em 49% dos casos, enquanto as de 25 a 30 meses acertavam 73% das vezes. Os grupos mais velhos tiveram realizações quase isentas de erros. Uma realização superior com nomes de adultos pode reflectir uma saliência maior dos adultos nos primeiros anos da criança e, nessa medida, uma ligeira aceleração na aquisição de termos de referência para os adultos (Anglin, 1979). No que toca às maiores dificuldades em reconhecer os termos MENINO, MENINA, é provável que as crianças mais pequenas não estejam habituadas a aplicá-los a si próprias.

Os erros podem ser ou de informação relativos aos processos de raciocínio, ou às respostas correctas. Num pequeno estudo posterior reunimos 6 rapazes e 6 raparigas de 25 a 30 meses e igual número de 31 a 36 meses. Usámos quatro pares de fotografias (dois de adultos e dois de crianças) e testámos a capacidade de reconhecimento fornecendo-lhes termos desconhecidos face às idades mostradas nas fotografias, i. e., MENINO, MENINA e HOMEM, SENHORA. Assim, ao mostrarmos fotografias de um homem e uma mulher, perguntávamos à criança «Diz qual é o MENINO». As crianças do grupo mais jovem estavam preparadas para escolher uma foto apenas com base no género, mas, no grupo mais velho, houve mais ausências de resposta, e as crianças respondiam dizendo «Não há nenhum». Duas das crianças mais velhas induzidas a escolher com base no género pareceram ter evitado deliberadamente o juízo acerca da idade. Parece que, nos grupos mais jovens, o género é mais saliente que a idade, e que as crianças reparam primeiro no género definido no termo de referência. Deste modo, estariam aptas a escolher uma fotografia confrontando-o com o género indicado pelo termo de referência. As crianças mais velhas podem deparar com dificuldades na tarefa de reconhecimento desconhecido porque elas processam os nomes tanto pela idade como pelo género.

O reconhecimento de pronomes produziu alguns resultados intrigantes no estudo preliminar. *ELA* e *HER* foram mais frequentemente identificados do que *ELE* e *HIM*. O efeito global foi produzido por grandes disparidades nos dois grupos mais jovens. O dos 18 aos 24 meses identificaram correctamente os pronomes femininos em 70% das vezes, mas os pronomes masculinos foram associados às fotografias do respectivo género em menos de 20% dos casos. No segundo grupo de idades, os pronomes femininos estiveram correctos em 73% das vezes e os pronomes femininos foram cor-

rectamente associados em 37% dos casos. Registe-se ainda que as raparigas estiveram melhor no reconhecimento dos pronomes do que os rapazes. Não houve, no estudo principal, provas de que o género definido pelo pronome influenciasse o reconhecimento, mas ainda aqui a realização das raparigas foi significativamente melhor que a dos rapazes. A superioridade das raparigas no reconhecimento dos pronomes confirma as conclusões publicadas acerca do reconhecimento de pronomes (Thompson, 1975), e a largamente assinalada precocidade verbal das raparigas (Sherman, 1978). Verificámos, nos nossos próprios resultados, que as raparigas são melhores no reconhecimento de nomes indefinidos e, nalgumas das nossas análises, também melhores na associação de nomes com género definido.

PRODUÇÃO

Em todos os grupos, a produção de nomes, pronomes e outros nomes com género definido foi mais difícil do que o reconhecimento. A produção foi testada imediatamente a seguir ao reconhecimento. Eram mostradas duas fotografias à criança — p. ex., de um homem e de uma mulher — e pedia-se-lhe para «dizer qual era a MAMÃ». Independentemente da primeira resposta da criança à primeira pergunta, apontávamos a seguir para o retrato do homem e perguntávamos «Quem é este?».

A identificação da realização correcta nas tarefas de reconhecimento era imediata — a criança ou escolhia a fotografia correcta ou falhava. A realização nas tarefas de produção podia ser parcialmente correcta. Tendo testado MAMÃ na tarefa de reconhecimento, a criança podia produzir a resposta que esperávamos — PAPÁ para a fotografia do homem — mas podia também produzir outros termos, entre os quais HOMEM. Prevendo essas possibilidades, graduámos as respostas de produção quanto à

sua correcção segundo quatro dimensões — definição do género e da idade, classificação morfológica, e, finalmente, a precisão no fornecimento do complemento concreto do termo de reconhecimento que usáramos primeiro. Outros psicólogos que têm estudado o desenvolvimento inicial da linguagem também se depararam com problemas ao comparar a realização no reconhecimento e na compreensão. Foi recentemente sugerido que a marcada superioridade do reconhecimento nos primeiros anos pode reflectir os rígidos critérios de correcção que foram aplicados na avaliação da produção (Bloom, 1974).

Usando os critérios mais rigorosos de sucesso na definição do género e da idade, na classificação morfológica e na escolha do complemento, encontramos grandes diferenças de idade nos níveis de realização do reconhecimento e da produção de nomes definidos quanto ao género. No estudo principal apenas 18% das respostas que incluíam MAMÃ, PAPÁ, SENHORA, HOMEM, MENINA, MENINO, estavam correctas entre os 18 e os 24 meses de idade. No grupo de idades seguinte, esta percentagem subiu para 41%. Entre as crianças com 31 a 36 meses atingiu 56%, enquanto o grupo mais velho produziu respostas que estavam correctas em 68% das vezes. Estes estão longe da realização quase isenta de erro dos dois grupos mais velhos nas tarefas de reconhecimento de nomes consoante o género.

O exame de erros fornece também informação acerca dos processos intelectuais implicados na compreensão do género e na detecção das solicitações da situação de teste. Voltando ao nosso exemplo, em que esperávamos o complemento de MAMÃ, metade das crianças no estudo principal responderam com o termo PAPÁ. Apenas 28 das restantes 60 crianças produziram uma palavra, mas, de entre estas, 26 disseram HOMEM. Uma criança produziu MENINO definindo incorrectamente a idade, e outra

respondeu SENHORA errando na definição do género. Apenas 2,4 % das potenciais respostas de produção nas seis tarefas de nomes com definição do género reflectiram erros na avaliação do género. Os erros na classificação da idade ocorreram em 3,5 % das respostas potenciais. A maioria dos erros reflectem falhas na detecção das solicitações específicas da situação de teste, para fornecer o complemento em causa. Esperávamos que a precisão no fornecimento do termo exacto aumentasse com a idade. Talvez seja uma concordância com as solicitações da situação de teste que permita a realização significativamente melhor por parte das raparigas.

A produção de pronomes apresenta um quadro muito diferente. As crianças eram testadas uma vez com ELA, ELE, HER, HIM. Não houve respostas completamente correctas no grupo mais jovem. ELA era correctamente produzido por uma criança no grupo dos 25 aos 30 meses e houve quatro respostas correctas distribuídas pelos quatro pronomes em cada um dos dois grupos mais velhos. A resposta mais comum foi um nome adequado à idade e à definição do sexo. Quando confrontadas com um retrato de homem adulto e no contexto de uma tarefa de reconhecimento para testar ELA, 75 crianças responderam HOMEM ou PAPÁ. As crianças discriminam de acordo com o género e a idade e contemplam a definição do género nos pronomes mas têm grande dificuldade em produzi-los no contexto dos procedimentos dos nossos testes. Estes resultados são surpreendentes na medida em que se verificou que o pronome ELE surgia entre as primeiras 50 palavras do vocabulário de uma criança que participou num estudo naturalista da primeira aquisição de linguagem (Nelson, 1973). No entanto, quer nas tarefas de reconhecimento, quer nas de produção, a realização nos pronomes com género definido é ultrapassada pela verificada nos nomes. Este défice reflecte, provavelmente, características espe-

cificamente relacionadas com a compreensão e uso dos pronomes. Do padrão de erros nas tarefas de produção de pronomes ressalta que as crianças pequenas se apercebem do género embora errem ao assinalá-lo com os pronomes em referência.

SELECCÃO

Usou-se um sistema para as quatro tarefas de selecção no estudo principal. A primeira tarefa proposta a cada criança consistia em agrupar fotografias de catorze brinquedos (que posteriormente encontravam na sequência de jogo) de acordo com o género. A seguir, depois de testados o reconhecimento e a produção, pedia-se às crianças para classificarem três formas vermelhas e três diferentes formas azuis consoante a cor. A isto seguia-se uma selecção de espécies de três fotografias de gatos e três de cães. Por fim seleccionavam, segundo o género, fotografias de três raparigas e três rapazes, e de três homens e três mulheres, usando quer crianças, quer adultos, como referência inicial.

Usou-se um sistema de graduação qualitativa que diferenciava o falhanço completo, a tentativa mínima, a selecção quase conseguida e o sucesso total. Estes graus foram analisados e revelaram os esperados efeitos altamente significativos por idade. A comparação da realização nas cores, nas espécies e na definição do género destacaram diferenças altamente significativas da realização nos três tipos de classificação. As cores eram a mais fácil, seguida das espécies e depois do género. As raparigas voltaram a pontuar significativamente acima dos rapazes.

Pode-se ter uma ideia clara dos níveis de realização observando apenas as respostas totalmente bem sucedidas. Nas crianças dos 18 aos 24 meses, uma criança acertou na selecção de cores e uma na das espécies, mas nenhuma conseguiu seleccionar o gé-

nero usando quer adultos, quer crianças como referência, ou seleccionar fotografias de adultos ou crianças. No segundo grupo de idades, 40% tiveram êxito nas cores, 37% nas espécies, mas apenas 17% o tiveram no género. Os resultados repetiram-se ao longo das quatro diferentes tarefas do género. Nas crianças dos 31 aos 36 meses, 77% tiveram êxito nas cores, 80% nas espécies, mas apenas 47% o registaram nas classificações do género. As crianças mais velhas foram bem sucedidas em 83% das vezes nas cores, 90% nas espécies e 63% no género. A idade representada nas fotografias pareceu não afectar a selecção do género. A coincidência entre a idade da fotografia de referência e a das fotografias a seleccionar não produziu nenhuma melhoria na realização.

A selecção de brinquedos, que exigia à criança que classificasse os objectos de acordo com o género, produziu resultados de certo modo diferentes. Os efeitos esperados da idade e do género da criança estiveram presentes, com as raparigas, de novo, a realizarem melhor; mas os objectos a seleccionar afectaram a realização, especialmente a dos rapazes. Os brinquedos que são estereotipicamente masculinos eram seleccionados com mais êxito do que os femininos, e este efeito foi exageradamente ampliado pela baixa realização dos rapazes na selecção de objectos femininos. Esta tarefa é idêntica a um teste de preferência pelo género largamente utilizado — o teste IT. Os resultados deste teste sugerem que o grande valor que as nossas sociedades atribuem às actividades masculinas influenciam as escolhas quer dos rapazes, quer das raparigas, no teste IT (Dickstein & Seymour, 1977). A tarefa de selecção de brinquedos pode implicar outros processos para além da compreensão intelectual do género. Os erros na selecção de brinquedos precisam de ser vistos em relação com os dados do reconhecimento, os quais sugerem que as crianças muito pequenas são capazes de fa-

zer discriminações com base no género. Não é surpresa constatar-mos que estas discriminações têm, associadas a elas, valores positivos e negativos.

PROCESSOS INTELECTUAIS OU DOMÍNIOS DO CONHECIMENTO?

Agora que examinámos mais de perto as tarefas que escolhemos para revelar o desenvolvimento da compreensão do género pela criança, podemos voltar à questão de processos *versus* domínios de conhecimento. Os resultados de dez tarefas — três de reconhecimento e três de produção, de nomes, pronomes e outros nomes com género definido, e quatro tarefas de selecção — constituíram factores de análise para se ver como é que se agrupavam. Usou-se um procedimento da máxima probabilidade na medida em que ele permite testes estatísticos das soluções de adequação de factores. Os resultados para a rotação de variação máxima, nos quais o primeiro factor era de 18% da variância total, o segundo factor 17% e o terceiro factor 16%.

Os resultados da produção de nomes tinham o peso de 0,81 no primeiro factor, os da produção de outros nomes 0,72 e os da produção de pronomes 0,60. Isto constitui claramente uma dimensão do processo e mostra coesão entre as diversas medidas da produção. O peso dos factores para as outras sete tarefas foi positivo mas inferior a 0,30 nas tarefas de reconhecimento.

O segundo factor inclui o reconhecimento dos pronomes, que tem o peso de 0,56, a selecção de cores 0,56, a selecção de espécies 0,51 e a selecção do género 0,54. A selecção de brinquedos não tem grande peso neste factor (0,14) embora as outras tarefas de selecção e o reconhecimento de pronomes mostrem coesão. A natureza dos processos intelectuais representados neste factor não é integralmente descrita através da atribuição de um factor de selecção. É como

se a capacidade para interpretar um pronome, atendendo ao género mas ignorando a idade e a circunstância, envolvesse um processo semelhante a manter na mente uma distinção conceptual e aplicá-la a um conjunto de estímulos.

O terceiro factor é outra dimensão do processo. O reconhecimento de nomes definidos quanto ao género tem um peso de 0,82 e o reconhecimento de outros nomes 0,68. Os pesos das três tarefas de selecção foram inferiores a 0,10, apesar de as tarefas de produção terem pesos mais elevados, na ordem dos 0,33.

As nossas considerações sobre a natureza subjacente à tarefa de selecção de brinquedos são apoiadas pelos resultados da análise de factores. Faltou pesar os três factores e o seu peso mais alto foi inferior a 0,14.

Os resultados desta análise de factores — os quais são altamente significativos em termos da estrutura dos factores e claros nos respectivos pesos — apontam para a importância dos processos intelectuais subjacentes no que respeita às diferenças individuais na realização no decorrer das dez tarefas. Eles sugerem que a nossa compreensão do desenvolvimento do conhecimento do género pelas crianças pequenas progredirá na medida em que desenvolvermos as abordagens teóricas do crescimento intelectual nos primeiros anos. Presentemente, a nossa avaliação do conhecimento do género pela criança varia com a natureza das tarefas utilizadas para o determinar.

AGRADECIMENTOS

A investigação com as crianças de 18-42 meses foi apoiada com um subsídio pelo Social Science Research Council HR/5871. Quero agradecer à Sr.^a Caroline Smith (*Research Fellow*), que participou no planeamento, recolha e análise de dados, e às crianças, às suas mães, aos professores e aos

responsáveis de grupos. O sr. D. Hitchin e o Dr. M. Thomas prestaram-nos enorme apoio na análise estatística e a sr.^a A. Hirshfield deu-nos apoio administrativo.

REFERÊNCIAS

- ANGLIN, J. M. (1979), «The Child's First Terms of Reference», in Smith, N. R. & Franklin, M. B. (eds.) *Symbolic Functioning in Childhood*. Lawrence Erlbaum. Hillsdale, N. J.
- ARCHER, J. LLOYD, B. (1974), «Sex roles: biological and social interactions», *New Scientist*.
- BLOOM, L. (1974), «Talking, understanding and thinking», in Schieferbusch & Lloyd.
- DICKSTEIN, E. B. e SEYMOUR, M. W. (1977), «Effect of the addition of neutral items on IT scale scores», *Developmental Psychology*, 13, 79-80.
- GRIEF, E. B. (1974), «Sex role playing in preschool children», reeditado in Bruner, J. S., Jolly, A. & Sylva, K. (eds.) (1976), *Play — Its Role in Development and evolution*, Penguin. Harmondsworth.
- LINGER, S. (1976), *The speech of mothers to young infants: some early sex differences*, University of Sussex, M. A., Tese.
- MONEY, J. e EHRHARDT, A. (1972), *Man & Woman. Boy & Girl: The Differentiation and Dimorphism of Gender Identity from Conception to Maturity*. John Hopkins University Press. Baltimore e Londres.
- NELSON, K. (1973), *Structure and strategy in learning talk*, Monografia da Society for Research in Child Development, n.º 149.
- PARSONS, T. (1942), «Age and sex structure in the United States», *American Sociological Review*, 1, 606-616.
- ROSCH, E. (1978), «Principles of categorization», in Rosch, E. & Lloyd, B. B. (eds.) *Cognition and Categorization*. Lawrence Erlbaum. Hillsdale, N. J.
- SCHIEFELBUSCH, RICHARD L. e LLOYD, LYLE L. (1974), *Language Perspectives: acquisition, retardation and intervention*, Macmillan.

- SHERMAN, J. A. (1978), *Sex Related Cognitive Differences*. Charles C. Thomas. Springfield, 111.
- SMITH, C. (1980), *Mothers' attitudes and behaviour to infants and the development of sex-typed play*, Tese, University of Sussex.
- SMITH, C. e LLOYD, B. B. (1978), «Maternal behaviour and perceived sex of infant: Revisited», *Child Development*, 49, 1263-1265.
- THOMPSON, S. K. (1975), «Gender labels and early sex role development», *Child Development*, 46, 339-347.